



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE APLICAÇÃO FERNANDO RODRIGUES DA SILVEIRA
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS E LITERATURA
DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA
TURMA: 84
COORDENADORA: HILMA RIBEIRO
PROFESSORA: DANIELA PORTE
NOME:

ATIVIDADE DIAGNÓSTICA

Conteúdo em estudo: conto – características estruturais; relação personagem / espaço / tempo; classes de Palavras 1:artigo definido e indefinido; substantivo; numeral.

TEXTO 1

Maria

Maria estava parada há mais de meia hora no ponto de ônibus. Estava cansada de esperar. Se a distância fosse menor, teria ido a pé. Era preciso mesmo ir se acostumando com a caminhada. Os ônibus estavam aumentando tanto! Além do cansaço, a sacola estava pesada. No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. O osso a patroa ia jogar fora. Estava feliz, apesar do cansaço. A gorjeta chegara numa hora boa. Os dois filhos menores estavam muito gripados. Precisava comprar xarope e aquele remedinho de desentupir o nariz. Daria para comprar também uma lata de Toddy. As frutas estavam ótimas e havia melão. As crianças nunca tinham comido melão. Será que os meninos gostavam de melão?

A palma de umas de suas mãos doía. Tinha sofrido um corte, bem no meio, enquanto cortava o pernil para a patroa. Que coisa! Faca-laser corta até a vida!

Quando o ônibus apontou lá na esquina, Maria abaixou o corpo, pegando a sacola que estava no chão entra as suas pernas. O ônibus não estava cheio, havia lugares. Ela poderia descansar um pouco, cochilar até a hora da descida. Ao entrar, um homem levantou lá de trás, do último banco, fazendo um sinal para o trocador. Passou em silêncio, pagando a passagem dele e de Maria. Ela reconheceu o homem. Quanto tempo, que saudades! Como era difícil continuar a vida sem ele. Maria sentou-se na frente. O homem assentou-se ao lado dela. Ela se lembrou do passado. Do homem deitado com ela. Da vida dos dois no barraco. Dos primeiros enjoos. Da barriga enorme que todos diziam gêmeos, e da alegria dele. Que bom! Nasceu! Era um menino! E haveria de se tornar um homem. Maria viu, sem olhar, que era o pai do seu filho. Ele continuava o mesmo. Bonito, grande, o olhar assustado não se fixando em nada e em ninguém. Sentiu uma mágoa imensa. Por que não podia ser de outra forma? Por que não podiam ser felizes? E o menino, Maria? Como vai o menino? cochichou o homem. Sabe que sinto falta de vocês? Tenho um buraco no peito, tamanha a saudade! Tou sozinho! Não arrumei, não quis mais ninguém. Você já teve outros... outros filhos? A mulher baixou os olhos como que pedindo perdão. É. Ela teve mais dois filhos, mas não tinha ninguém também! Homens também? Eles haveriam de ter outra vida. Com eles tudo haveria de ser diferente. Maria, não te esqueci! Tá tudo aqui no buraco do peito...

O homem falava, mas continuava estático, preso, fixo no banco. Cochichava com Maria as palavras, sem entretanto virar para o lado dela. Ela sabia o que o homem dizia. Ele estava dizendo de dor, de prazer, de alegria, de filho, de vida, de morte, de despedida. Do buraco-saudade no peito dele... Desta vez ele cochichou um pouquinho mais alto. Ela, ainda sem ouvir direito, adivinhou a fala dele: um abraço, um beijo, um carinho no filho. E logo após, levantou rápido sacando a arma. Outro lá atrás gritou que era um assalto. Maria estava com muito medo. Não dos assaltantes. Não da morte. Sim da vida. Tinha três filhos. O mais velho, com onze anos, era filho daquele homem que estava ali na frente com uma arma na mão. O de lá de trás vinha recolhendo tudo. O motorista seguia a viagem. Havia o silêncio de todos no ônibus. Apenas a voz do outro se ouvia pedindo aos passageiros que entregassem tudo rapidamente. O medo da vida em Maria ia aumentando. Meu Deus, como seria a vida dos seus filhos? Era a primeira vez que ela via um assalto no ônibus. Imaginava o terror das pessoas. O comparsa de seu ex-homem passou por ela e não pediu nada. Se fossem outros os assaltantes? Ela teria para dar uma sacola de frutas, um osso de pernil e uma gorjeta de mil cruzeiros. Não tinha relógio algum no braço. Nas mãos nenhum anel ou aliança. Aliás, nas mãos tinha sim! Tinha um profundo corte feito com faca-laser que parecia cortar até a vida.

Os assaltantes desceram rápido. Maria olhou saudosa e desesperada para o primeiro. Foi quando uma voz acordou a coragem dos demais. Alguém gritou que aquela puta safada conhecia os assaltantes.

Maria assustou-se. Ela não conhecia assaltante algum. Conhecia o pai do seu primeiro filho. Conhecia o homem que tinha sido dela e que ela ainda amava tanto. Ouviu uma voz: Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois. Outra voz ainda lá do fundo do ônibus acrescentou: Calma gente! Se ela estivesse junto com eles, teria descido também. Alguém argumentou que ela não tinha descido só para disfarçar. Estava mesmo com os ladrões. Foi a única a não ser assaltada. Mentira, eu não fui e não sei por quê. Maria olhou na direção de onde vinha a voz e viu um rapazinho negro e magro, com feições de menino e que relembra vagamente o seu filho. A primeira voz, a que acordou a coragem de todos, tornou-se um grito: Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões! O dono da voz levantou e se encaminhou em direção a Maria. A mulher teve medo e raiva. Que merda! Não conhecia assaltante algum. Não devia satisfação a ninguém. Olha só, a negra ainda é atrevida, disse o homem, lascando um tapa no rosto da mulher. Alguém gritou: Lincha! Lincha! Lincha!... Uns passageiros desceram e outros voaram em direção a Maria. O motorista tinha parado o ônibus para defender a passageira:

- Calma, pessoal! Que loucura é esta? Eu conheço esta mulher de vista. Todos os dias, mais ou menos neste horário, ela toma o ônibus comigo. Está vindo do trabalho, da luta para sustentar os filhos...

Lincha! Lincha! Lincha! Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos. A sacola havia arrebitado e as frutas rolavam pelo chão. Será que os meninos gostam de melão?

Tudo foi tão rápido, tão breve. Maria tinha saudades do seu ex-homem. Por que estavam fazendo isto com ela? O homem havia segredado um abraço, um beijo, um carinho no filho. Ela precisava chegar em casa para transmitir o recado. Estavam todos armados com facas-laser que cortam até a vida. Quando o ônibus esvaziou, quando chegou a polícia, o corpo da mulher já estava todo dilacerado, todo pisoteado.

Maria queria tanto dizer ao filho que o pai havia mandado um abraço, um beijo, um carinho.

(EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016. P.39).



Momento
de reflexão

O texto e você - DEBATE

Todo texto literário provoca múltiplos sentidos. Por isso, há várias leituras possíveis e prováveis. Pensando no conto de Conceição Evaristo, vamos refletir sobre algumas passagens?

Maria estava parada há mais de meia hora no ponto de ônibus. Estava cansada de esperar. Se a distância fosse menor, teria ido a pé.

A espera por algo pode ser muito angustiante. Como é para você o processo de esperar, de criar expectativas? De lidar com o que ainda está por vir?

Maria estava com muito medo. Não dos assaltantes. Não da morte. Sim da vida.

Muitas vezes, a vida nos exige coragem. O novo faz parte do que se constitui cíclico na existência humana. Você tem medo do novo?

Alguém gritou: Lincha! Lincha! Lincha!... Uns passageiros desceram e outros voaram em direção a Maria

O conto de Evaristo nos propõe profunda reflexão sobre julgamentos. Você acredita que, diante daquilo que nos é desconhecido, podemos agir com raiva e precipitação? Quais as consequências disso?

Estavam todos armados com facas-laser que cortam até a vida.

Em sua opinião, o que falta em nossa sociedade para que as pessoas, diante do outro, sintam-se menos armadas?

Enredo, linguagem e gramática

Questão 1 – Que situação inicial deflagra o conto “Maria”?

Questão 2 – A princípio, o desenvolvimento do conto é marcado pelo lirismo de um encontro amoroso. O clímax, no entanto, deflagra grande surpresa. Qual?

Questão 3 – Reescreva do texto uma passagem que represente:

Encontro amoroso

Relação Familiar

Comportamento Apreensivo

Julgamento

Condescendência

Questão 4 – A situação final do conto novamente surpreende o leitor. Que surpresa trágica é essa?

Questão 5 – Dos elementos da narrativa, destaque do conto:

a) Foco Narrativo

--

b) Espaço

--

c) Tempo

--

Questão 6 – Assinale abaixo (x), apenas as passagens que exemplificam descrição dos personagens do conto:

- () *Ela levava para casa os restos*
- () *Se a distância fosse menor, teria ido a pé.*
- () *Ele continuava o mesmo. Bonito, grande, o olhar assustado não se fixando em nada e em ninguém.*
- () *Tou sozinho! Não arrumei, não quis mais ninguém.*
- () *O ônibus não estava cheio, havia lugares.*
- () *O homem falava, mas continuava estático, preso, fixo no banco.*
- () *Maria estava com muito medo.*
- () *viu um rapazinho negro e magro, com feições de menino e que lembrava vagamente o seu filho.*
- () *Estavam todos armados com facas-laser que cortam até a vida.*
- () *quando chegou a polícia, o corpo da mulher já estava todo dilacerado, todo pisoteado.*
- () *Os ônibus estavam aumentando tanto!*

Questão 7 – Em relação ao registro utilizado no conto, podemos afirmar que há o uso dos estilos formal e informal. Reescreva um exemplo de cada.

Questão 8 – Em: *Ganhara **as** frutas e **uma** gorjeta*. Explique o sentido que o uso dos artigos definido e indefinido femininos trazem na passagem acima.

Questão 9 – Em: *Daria para comprar também **uma** lata de Toddy*. O valor de “um” é de indefinição ou de quantidade? Qual, então, a classe da palavra?

--

Questão 10 – Em: *A palma de **umas** de suas mãos doía*. O valor de “umas” é de indefinição ou de quantidade? Qual, então, a classe da palavra?

--

Questão 11 – Releia a passagem:

*Ao entrar, **um homem** levantou lá de trás, do último banco, fazendo um sinal para o trocador. Passou em silêncio, pagando a passagem dele e de Maria. Ela reconheceu o homem. Quanto tempo, que saudades! Como era difícil continuar a vida sem ele. Maria sentou-se na frente. **O homem** assentou-se ao lado dela.*

A autora empregou artigo indefinido e artigo definido, formando sentido implícito de um paralelo para o leitor. Como podemos ler tal paralelo, observando o uso gramatical? Justifique.

Questão 12 – O substantivo próprio “Maria”, que dá título ao conto, também pode ser compreendido como uma escolha de generalização ou indefinição, quando ao leitor, pelo enredo, encaminha-se a construção da personagem. Explique, com suas palavras, o sentido que o nome trouxe a você.
